

## GRANDES CENAS / MONTAGEM

### EPISÓDIO 07: IRACEMA

[ABERTURA]

[PRÉ-CENA]

- Uma vez chega... Ah, ah, ah...
- Ai, que...
- Ah, ah, ah...
- Como é que é, como é que vão as primas?
- Ah, ah, ah, ele tá...
- Tem uma cachacinha aí?
- À vontade. Ah, ah, ah...
- Qual é, pô?
- Aqui é o que é?

MATHEUS

1974, dez anos do golpe militar. Já tinham passado os piores anos da ditadura e grande parte da população ainda acreditava que vivíamos o "grande milagre econômico"; que cortar a floresta Amazônica com uma estrada em toda a sua extensão era urgente, este seria o nosso grande símbolo de progresso.

Para Jorge Bodanzky e Orlando Sena, urgente era de registrar a Amazônia, antes que ela fosse destruída.

BODANZKY

Esse filme ele tem uma característica própria que ele é um "Docudrama", que é um documentário com algumas cenas ficcionadas, aonde a gente mistura, vamos dizer, a realidade e a ficção.

ORLANDO

Quando nós pensamos o filme, não existia exatamente um filme na cabeça, nem na minha nem na de Jorge Bodanzky, foi ideia dele inclusive, (/) a ideia dele era "Não vamos perder a oportunidade de filmar a Amazônia como ela está agora."

BODANZKY

Na época, ahn... a construção da transamazônica, era o maior projeto, vamos dizer, do regime militar, foi assim a bandeira do regime militar, ahn, como sinônimo de progresso. Tinha até cartazes de um trator derrubando uma árvore, isso era o símbolo do progresso.

ORLANDO

Uma terra arrasada com relação aos direitos humanos, com relação, ahn, aos nativos, (/) aos índios. Repare que em Iracema não há um só índio. (/) Não há bichos em "Iracema", não há animais, (/) porque não encontramos mais nenhum animal perto daquela estrada.

BODANZKY

Então pra nós era muito importante envolver, vamos dizer, o filme, com aquilo que tava acontecendo no entorno.

[TRECHO DO FILME]

("Máquinas humanas", Paulo Sérgio)

/ Chega um dia em que a gente

/ Vai aos poucos percebendo

MATHEUS

Se por um lado, Iracema segue o mesmo ideário do Cinema Novo de um cinema político, denunciante, militante; por outro, eles divergiam: o Cinema Novo era um cinema belo, em Iracema, o belo não tem espaço.

ORLANDO

A gente achava que a beleza, a beleza, principalmente a beleza material, a beleza física, não fazia parte daquele mundo, podia até ter, ter gente bonita, mas... por pouco tempo. Aquela situação é como um moedor de belezas.

BODANZKY

Nós preparamos muito bem o filme, assim, fizemos mais de uma viagem de preparação e sabíamos em cada local mais ou menos o que era possível fazer ali, qual era o tema do local, o que acontecia lá, que pessoas existiam lá. Então a gente já ia preparado.

ORLANDO

E aí nós descobrimos primeiro os personagens, no sentido de que escolhemos aqueles que eram mais, (/) mais visíveis naquela, naquela paisagem, naquele cenário.

- Me dei bem. Vou buscar mais.

ORLANDO

... que era antes de tudo o caminhoneiro. Claro, né, uma estrada sendo aberta, numa região nova, com muita madeira que se pode levar sem pagar muito. Com gado que se pode levar sem pagar nada. (/) Então aquele era o personagem, ahn, central, digamos assim, da história que a gente tava vendo, que a gente tava pesquisando. E a outra eram as prostitutas muito jovens.

[TRECHO DO FILME]

(???)

/ Veio alguém me esclarecer

/ Que ouviu você dizer

/ Que já não gosta de mim

ORLANDO

E o roteiro foi a partir disso. Ou seja, vamos juntar algumas situações dentro dessa circunstância geral e inventar uma coisa dentro de um documentário, que é como meter uma cunha da, de ficção num documentário, né, e levantar um pouco personagens que possam, é, é... Sintetizar um grupo grande de pessoas. Ou seja: um caminhoneiro, que pode ser "O" Caminhoneiro, e uma prostituta de 14 anos que pode ser "A" prostituta (/) menina.

[TRECHO DO FILME]

- Mas qual é a tua idade mesmo?

- Quinze anos.

BODANZKY

A menina que faz o papel da Iracema não é atriz, é uma menina da periferia de Belém que a gente achou, ahn, e que, ahn, vamos dizer, foi, ahn, trabalhada pela nossa equipe, né, pra fazer esse papel. Mas na realidade ela não tinha um, um roteiro pré-estabelecido pra ela, e muito menos os diálogos. A gente explicava a situação pra ela e ela improvisava dentro dessa situação. Uma menina muito inteligente, muito esperta, e esse meio, quer dizer, isso que o

filme mostra, é o meio de conhecimento dela. Não que ela fosse prostituta, ela não, não era prostituta nem tinha, ahn, prostituição na, na família. (/) Mas ela, ahn, conhecia isso, isso pra ela não era uma coisa estranha, não, ali, ao universo dela.

ORLANDO

Colocou apelido em todo mundo. (/) Inclusive na câmera: se chamava "Generosa". O apelido da câmera era "A Generosa", segundo ela porque nunca tinha conhecido ninguém, nenhum objeto que desse tanta coisa às pessoas, comida, hotel viagem, brincar...

- Eu não sou índia, não.

- E o quê que tu é? Tu é branca?

- Sou.

- Hã, hã. Filha de inglês?

- De inglês não, mas de brasileiro.

ORLANDO

Não houve a intenção (/) de desenhar, né, o Tião Brasil Grande diferente dos outros porque era um ator profissional. A ideia era exatamente o contrário: tem que se imiscuir, tem de ser igual a todo mundo. (/) Existem várias cenas no filme em que o Pereio conduz por ele mesmo, assim, a gente não tinha o que conversar com ele antes. "Pereio, tá vendo aquele bar? Entre lá que é um bar de caminhoneiros." Ou então: "Pereio, vamos ali conversar com aqueles camponeses."

- Como é que tá a coisa aí pelo rio, aí?

- Tá maravilhoso.

ORLANDO

Improviso total e busca também do que a gente chamava de, de, "ator-repórter", (/) de ele fazer uma entrevista, embora sem parecer que fosse uma entrevista. E existia essa outras que a gente tinha de fazer uma combinação, antes de começar, um pouco: "Olha, o que pode acontecer aí é isso". A gente nunca disse "o que vai acontecer".

- Tu não é o Tião Brasil Grande?

- Brasil Grande! Cada vez maior, sempre pra frente.

- Não me conhece?

- Mas é claro que te conheço.

MATHEUS

Numa cena que reúne tudo o que há no filme - o real, a ficção, o "progresso", a destruição, o abandono - Tião e Iracema se reencontram.

ORLANDO

Se falarmos da última cena, os únicos diálogos "acertados", digamos, os únicos assuntos acertados, ahn, com o Pereio e com a Edna, ou seja, com o Tião Brasil Grande e com a Iracema...

- Jurema, não! Iracema.

ORLANDO

... era um encontro que não ia dar em nada, evidentemente, porque ela não era mais a menina desejável, então não ia dar em nada mesmo. E também (/) buscar uma finalização, digamos assim, pro personagem do Tião Brasil Grande, o personagem do Pereio.

BODANZKY

O Pereio tinha que dizer que ele largou o caminhão de madeira pra transportar gado, explicar por que isso, e também, ahn, falar um pouco sobre o futuro, quer dizer, no futuro essa estrada iria até o Acre, do Acre até o Peru, até o Pacífico, ele fala isso.

ORLANDO

A partir daí todo mundo improvisou, inclusive as senhoras que aí estão.

BODANZKY

Mas essa improvisação, ela gerou uma, uma (/) disputa muito engraçada entre as prostitutas, né? Começaram a disputar a preferência do Pereio (/) pela Iracema, e entre elas, né, também. (/) Isso foi totalmente improvisado e eu segui com a câmera, eu achei o, o que tava acontecendo com essas meninas, (/) mais interessante do que ficar na imagem do Pereio. (/) Eu dirijo com a câmara, né, eu empurro os atores com a câmara, quer dizer... (/) O meu olho já tá focado, vamos dizer, naquilo que eu acho que no momento vai interessar mais. Eu praticamente edito o filme ao filmar. Ahn, sempre são planos-sequência, vocês repararam, a câmera rarisimamente, acho que só em dois ou três momentos no filme que câmera tá num tripé, ela está sempre na mão, justamente pra ela ficar livre, pra poder acompanhar aquilo que

tá acontecendo em torno, porque essa forma de documentário, que me interessa, é justamente incorporar a, o, o que tá acontecendo naquele momento pra dentro do filme.

ORLANDO

Inclusive boa parte dos diálogos que interessam são ouvidos, são off, estão off, né? Não há aquele, também aquela obrigação ficcional de botar a cara de quem tá falando pra o espectador saber quem tá falando.

- O Acre é o caminho pro... pro outro oceano, Oceano Pacífico.

- Não, pelo amor de Deus...

- Diz que até o governo vai mandar construir um porto lá.

- Ah, é?

- Pra atracar navio e tudo. Que nem tem o... porto de Santos, Rio de Janeiro...

BODANZKY

Essas pessoas não tinham televisão na época ainda, né. Então, vamos dizer, o, o ato de fazer um filme, isso não, não passava na cabeça delas. Elas tavam vivendo aquele momento. Ahn, não, não tinham, vamos dizer, não estavam interpretando pra um filme, não, não sabiam onde ia passar isso, aliás não tavam nem preocupadas com isso.

- Essa bosta da mulher mesmo vai buscar o homem na minha casa.

- Ah, ah, ah...

- Essa casa aqui é minha, fui eu que mandei fazer.

- Ah, ah, ah...

- Depois daqui, ah...

BODANZKY

E é engraçado que ela diz "Ah, essa casa é minha", aquela casa abandonada. Acho que no fundo ela sonhava em ter uma casinha na beira da estrada, né? Quando ela diz "essa casa é minha" achei tão bonito isso.

ORLANDO

Não foi intenção, dizer: "Olha, vamos fazer uma cena alegre". A gente nem podia fazer isso, porque nem sei se as... aquelas mulheres iam entender: "Vamos fazer uma cena alegre." Aquilo foi natural delas. Mas isso também não, não era uma coisa incomum, ou seja, não foi

surpreendente que elas fizessem assim, porque a gente ouviu risadarias durante todo o filme. Inclusive em outras cenas do filme, bastante duras também, as pessoas riem.

BODANZKY

É um pouco, vamos dizer, um preconceito nosso achar que a vida da, de, de prostituição, a vida da beira de, da beira da estrada é uma vida triste. Ela não é triste: ela é, ela é dura, né, ela é miserável e dura. Mas não é triste, as meninas são extremamente alegres, como você viu. E ela, Iracema, era uma pessoa alegre, né, ela era muito alegre e muito brincalhona. Então essa característica dela a gente fez questão de, de, de incorporar o filme, ela tá lá.

ORLANDO

Está ali a alegria, mas continua a vida como ela é. Como ela é ali, naquele momento, e como é também a vida em si mesma, a vida total, a vida de todos os seres humanos, onde alegria e, e tristeza andam juntas o tempo todo.

[CENA - PRIMEIRA PARTE]

- Tião?

- Como assim, Tião?

- Tu não é o Tião Brasil Grande?

- Brasil Grande! Cada vez maior, sempre pra frente.

- Não me conhece?

- Mas é claro que te conheço.

- Ah, ah, ah...

- Te conheço, sim.

- Ah, ah, ah, ah, ah...

- Conheço muita gente também aí, né? Eu tenho muitos parentes por esses lados aqui.

- Ah, ah...

- Tu não é a Jurema?

- Jurema, não! Iracema.

- Iracema! Iracema, isso mesmo. Paraí, paraí, paraí... Já sei! Da festa do círio, não foi não? Ih, meu Deus, você tá diferente, hein? Olha... Olhando assim a primeira vez, nem se reconhece.

- É?

- Ih, rapaz...

- Tou mais bonita ou tou mais feia?

- Hein? Tá mais feia.

- Feia? Mas Tião... E você, quanto mais velho, mais bonito fica. Ah, ah, ah...

- Como é que é, gurria?

- Ah, ah, ah...

- Cof, cof.

- Ah, meu Deus do céu...

- Tu tá rindo de quê, Tião?

- Tou rindo de nervoso.

- Ah... Por quê?

- Ah, porque te encontrei. Ah, ah, ah,,

- E pra onde tu tá indo agora?

- Pro Acre.

- Pro Acre, Tião?

- É. Mostra os dentes, aí... Tá faltando um ali, ó! Tá tudo preto e mole...

- Eu ainda sou nova, Tião.

- É... Me lembro de você de outro jeito.

- Mais feia ou mais bonita?

- Mais bonita.

- Ah, muito obrigada.

- E os peitos, como é que tão aí? Tão bonitos ainda? Deixe eu ver a lataria aí.

- Hum. Hum...

- Êêê... lllllh... Caiu tudo. Ah, ah... Ah, mas deixa isso pra lá, né?

- Ah, ah, ah...

- Pra onde tu tá indo agora, Tião?

- Tu gosta de amostrar...

- Eu tou indo pro Acre.

- Pro Acre, Tião? Não vai, não. Fica comigo.

- Lá no Acre agora tem mais futuro do que aqui.

- Fica comigo...

- Do outro lado do Brasil, tem outro mar. Não é o Oceano Atlântico, é o Pacífico. Fica lá no Acre. O Acre é o caminho pro... pro outro oceano, Oceano Pacífico.

- Não, pelo amor de Deus...
- Diz que até o governo vai mandar construir um porto lá.
- Ah, é?
- Pra atracar navio e tudo. Que nem tem o... porto de Santos, Rio de Janeiro...
- Ih, Tião, fica comigo, Tião....
- Mas não dá, mulher. Que é isso? Eu ainda tenho que andar muito. Tô com um caminhão boiadeiro. Boi, já viu, né, perde peso na estrada. Não toma água, não come sal.
- Fica comigo, Tião...
- A gente sai daqui com sete toneladas, chega com seis...
- Ah, ah...
- Essa mulher, só porque uma vez eu dei carona pra ela, ela pensa agora que é minha dona. Olha aí, ó. Já tá querendo mandar em mim.
- Fique aqui, eu quero ver se ela vem botar banca.
- Ih, já tenho duas donas, olha aí. Ah, ah, ah..
- Fique aqui, eu quero ver se ela vem botar banca.
- Me protege, me protege dela. Ah, ah...
- Quê que é isso? Larga ele!
- Arruma um melhor. Esse tá comigo.
- Não, mas ele já foi meu e pronto.
- Não, mas se foi, já era, já era.
- Pode largar ele.
- Já era.
- Tião, mas e por que tu trocou o caminhão?
- Porque me deram uma nota. Ganhei uma grana em cima. Meu negócio é dinheiro, ó...
- Hum.
- Dá aqui, dá aqui... Ih, vai tomar tudo?
- Vai ficar na boa, ah, ah, ah...
- Aí, divide com a gente.
- Ah, ah, ah... Essa bosta da mulher mesmo vai buscar o homem na minha casa.
- Ah, ah, ah...
- Essa casa aqui é minha, fui eu que mandei fazer.
- Ah, ah, ah...

- Depois daqui, ah... Deixa eu falar do meu caminhão.
- É só tomar uma...
- O meu caminhão, eu gostava dele.
- Beije...
- Aquele caminhão me amarrou.
- Isso vai dar assim...
- Mas ele foi bom enquanto durou. Depois começou a me trair, me fazer falceta. Toda hora pifava na estrada. Não arrancava mais em segunda. Mas ele valia mais do que este.
- Caminhão feio.
- Mas este é boiadeiro.
- Ah, isso não importa.
- Aquele tinha que buscar madeira, madeira tá no meio do mato, dá trabalho, tem que ir lá dentro. Tem, às vezes, até que abrir estrada dentro do mato pra buscar o pau lá dentro. Gado não, gado anda tudo por aí na beira da estrada. É só pegar e ir juntando, botando dentro do caminhão e levando embora.
- Faz tempo, mesmo, hein? Barbaridade...
- Tá vendo como eu fiquei com ele? Tá vendo como eu fiquei?
- Ficou mesmo. Ficou.
- Tchau.
- Mas eu não vou levar. Pera aí. Fica por aí que na volta eu te pego. Ah, ah, ah... Na volta eu passo por aqui e te pego, tá legal?
- Não preciso não, viu?
- Ó, só vou levar esses bois lá e... volto pra te pegar, hein?
- Olha, tu não vem pegar ninguém, nada!
- Vai preparando as alianças...
- Para, tu não vai pegar ninguém.
- Ei, pera aí, pera aí.
- Me dá cinco contos, Tião?
- Que é isso, mulher?
- Dá cinco contos, Tião!
- Tu tá pedindo dinheiro agora pra homem, mulher? E tu não te vira aqui, tu não tá te virando?
- Tou.
- O que tu tá fazendo aqui?

- Me virando, pegando carona, indo prum lado, pro outro...
- Carona? Pega só carona, mas não pega homem, não?
- Não. Os homens não me dão dinheiro.
- É claro! Tu te enfia nesse cu de mundo aqui...

#### ORLANDO

Todos abandonam ela, na verdade: a câmara, o caminhão, o Tião... o filme. Todos abandonam aquela menina, naquele final. Então não podemos dizer que é um final alegre, né, embora as pessoas estejam rindo.

#### [CENA - SEGUNDA PARTE]

- Vai-te pra porra!
- Dá, Tião, cinco contos, só cinco!
- Vai tomar no teu cu.
- Vai tu, filho duma puta.
- Filha da puta é você.
- Frescão, viado!
- Sai, ô! Sai da estrada!
- Filho duma puta! tu é ladrão, pô!
- Vai-te pra porra!
- Ladrão de boi, ó!
- Filho da puta!
- Filho duma puta, ladrão!